

OS ESTUDOS SINO-LINGÜÍSTICOS NO
*CENTRE DE RECHERCHES LINGUISTIQUES SUR L'ASIE
ORIENTALE DE PARIS*

incluindo relato sobre pesquisa de afasia em caso de um doente chinês

Terezinha Nakéd Zaratín

Introdução

Importantes estudos lingüísticos da língua chinesa foram realizados nas últimas décadas por estudiosos de várias nacionalidades, sendo os trabalhos modernos dos europeus e norte-americanos os mais divulgados. Estudos antigos foram revistos à luz de modernos conhecimentos e teorias lingüísticas. Uma nova concepção e novos métodos de pesquisa da linguagem humana orientam todos esses trabalhos.

Estudos sobre a língua falada e escrita tiveram de ser refeitos e por vezes anulados após o desenvolvimento de novas técnicas como pesquisa de campo, gravações em fitas magnéticas, uso de computador, etc. Por um lado, a produção de manuais, discos, tapes, dicionários e, por outro, trabalhos analíticos abrangendo estudos tanto diacrônicos como sincrônicos, do chinês e dos dialetos, têm saído de editoras e laboratórios tanto ocidentais como orientais nas duas últimas décadas.

Para os brasileiros que estudam a língua chinesa, freqüentemente, são colocados problemas de bibliografia, quer nos níveis de graduação, quer em assuntos especializados. Neste sentido, é importante registrar e divulgar as informações sobre obras básicas ou de grande importância, além daquelas mais específicas. Trabalho de base como a *Terminologie de la grammaire chinoise* de Viviane Alleton (1), e trabalhos de tipologia lingüística como *Le problème linguistique des prépositions et la solution chinoise* de Claude Hapege (2), entre outros, vêm trazer grande contribuição ao estudo das classificações lingüísticas e tipológicas tradicionais, pela comprovação de semelhanças de categorias e de funções que fazem da língua chinesa uma língua entre outras. E não faltam estudos altamente especializados sobre a língua chinesa, em diversos campos da Lingüística Geral, da Lingüística Matemática e Computacional, estudos de Gramática Gerativa e Transformacional.

Em “*The Structuralistic Approach to Chinese Grammar and Vocabulary*”, por exemplo, Gustav Herdan (3) da Universidade de Bristol faz um estudo sobre o elemento combinatório na Gramática chinesa enquanto sujeito à dualidade lingüística, descrevendo (no item “*Language Game and Topology*”) o “game”, e ilustrando-o com um texto chinês que pode ser lido em qualquer direção, tendo usado como modelo topológico para esta variedade do “*Language Game*” a Tira de Moebius. Esse texto resultou num gráfico onde está praticamente resumida toda a Gramática chinesa (4)

Trabalhos como este, porém, só podem ser devidamente assimilados por estudiosos em nível de especialização. Para estudantes em nível de graduação, são mais importantes obras de caráter didático, voltadas para aspectos centrais da língua chinesa, que permitem ao estudante ganhar domínio suficiente sobre a mesma para, a partir daí, empreender estudos mais avançados.

Entre os diversos centros de estudo de Língua e Lingüística chinesa que têm realizado trabalhos importantes nessa linha, coloca-se o Centre de Recherches Linguistiques sur l’Asie Orientale-École Pratique des Hautes Études-Paris (5) No presente artigo pretende-se divulgar a produção desse Centro em estudos sino--lingüísticos, até 1976.

Além de patrocinar pesquisas de alto nível sobre assuntos específicos, o Centro cuida da formação de uma bibliografia básica sobre a língua chinesa, contendo obras atualizadas de caráter mais geral. Promove, ainda, a divulgação de trabalhos sobre a cultura chinesa e de obras interessantes para os estudiosos de outras áreas universitárias, tais como vocabulários do chinês moderno, relativos a uma disciplina científica particular.

Os trabalhos do C.R.L.A.O. sobre a língua chinesa chegam aos estudantes brasileiros através das publicações da Presses Universitaires de France, da Mouton, Klincksieck, entre outras, além de separatas e catálogos como o das microedições da Audir que relata teses e monografias sobre assuntos chineses no seu Études de Sinologie e também em relatórios do próprio Centro.

As pesquisas lingüísticas sobre lexicografia chinesa, gramática chinesa, japonesa e vietnamita, linguagem científica e técnica do chinês e do japonês e dialetologia do chinês são realizadas por pesquisadores que efetuam trabalhos de campo, estágios em universidades, laboratórios, etc. de várias partes do mundo, uma vez que o Centro mantém permanente intercâmbio com as principais universidades da Europa, Estados Unidos e também do Oriente, em Tóquio, Pequim, Hon Kon, etc.

Relatórios de atividades do Centro dão conhecimento dos trabalhos de estudiosos como A. Rygaloff, Viviane Alleton, Coyaud, A. Car-

tier, Cheng Chi-Hsien, F. Dell entre tantos outros, onde se podem conhecer os resultados de pesquisas como a de V. Alleton, "Mission aux États-Unis" (6), onde a autora realizou estudos sobre a terminologia científica em chinês e japonês modernos e sobre os métodos de análise lingüística empregados pelos grupos norte-americanos que se ocupam desse setor. Também a "Mission a Hong Kong", de F. Cheng Chi-Hsien (7), dá conhecimento do estudo feito pelo autor sobre a escrita poética chinesa e tema míticos chineses.

Foram também promovidas pelo Centro pesquisas como as de Nguyen Phu Phong sobre a língua vietnamita (8); de A. Lucas, responsável pela parte chinesa do *Index Bio-bibliographique Notorum hominum* (9); de linguas e dialetos chineses, tais como o de Homayan e Beffa sobre elementos da gramática mongol (10); de Yau Shun-chiu sobre o dialeto de Cantão (11); de L. Sagart sobre a fonologia do Hakka (12), etc.

Os estudos lingüísticos realizados não abrangem somente a língua chinesa propriamente dita, mas se estendem a áreas como:

Matemática: F. Hominal sobre a terminologia matemática em chinês moderno; *Botânica*: G. Métaillé sobre a terminologia da botânica em chinês moderno; *Física*: F. Renaud sobre a terminologia da física no chinês moderno; *Mecânica aplicadas* R. Chabrux compilou, a partir de uma enciclopédia de mecânica de uso corrente, um léxico de mecânica aplicada em chinês moderno, publicado pela Mouton; *Química*: Viviane e Jean-Claude Alleton sobre a terminologia da Química moderna, também pela Mouton.

Estudos da língua chinesa propriamente dita e sobre a terminologia da Antropologia e Bioquímica em japonês, foram realizados no Centro, assim como de Dialectologia chinesa e Lingüística sino-tibetana.

Importantes trabalhos sobre o vocabulário da língua gestual dos surdo-mudos chineses foram completados por estudiosos como Yau S.C. (13) e Yu P.K. (14), este último a partir de pesquisa feita sob a direção do prof. Klima, da Universidade da Califórnia em San Diego e também a partir de práticas com surdos americanos no Gallaudet College em Washington.

Não faltam estudos sobre Semiologia como, por exemplo, o trabalho em colaboração com a École Pratique des Hautes Études em Sciences Sociales, "Elements sémiotiques du domaine chinois: signes, peintures, mythes" (15)

Sobre Economia, Informação, Biblioteconomia etc, surgiram trabalhos como o de R. Chabrux sobre termos bancários e de finanças do chinês moderno, o da terminologia da informática na língua chinesa por A. Trotignon, de P. Duhamel sobre os termos de biblioteconomia

no chinês moderno, não faltando também sobre terminologia do Direito e da Medicina no chinês moderno. Entre as pesquisas de campo é necessário ressaltar a de A. Lucas sobre a situação lingüística das comunidades chinesas de Singapura.

Além de pesquisas, publicações e intercâmbios, o C.R.L.A.O. possui uma seção de documentação e informação científica, onde há um fichário de todas as obras relativas à Lingüística chinesa existentes em Paris, bem como centralizados informes fornecidos pelos responsáveis pelas bibliotecas sinológicas de Paris.

Línguas Científicas e Técnicas

No C.R.L.A.O. foram desenvolvidos importantes estudos sobre a sintaxe das línguas científicas.

A análise gramatical de textos científicos chineses teve início em 1973, no curso de Viviane Alleton, tendo por base um conjunto de textos de largo uso (Geologia, Mineralogia, Astronomia, Química, etc.) e prossegue até o presente momento, acrescida de estudos de textos de nível mais elaborado, como a exposição de princípios da Termodinâmica, na área de Física, ou a apresentação de uma teoria de pesquisas operacionais na área de Matemática, em colaboração com docentes das áreas respectivas.

Os objetivos destes grupos de estudos foram:

a) elaborar uma “gramática de textos científicos”, partindo do pressuposto da existência de um todo (“existe um conjunto de domínios científicos cuja língua é, para um dado nível, relativamente homogênea”);

b) colocar sobre critérios sintáticos as bases de uma tipologia das línguas escritas em chinês moderno, no interior e no exterior do conjunto considerado;

c) determinar se há concordâncias e quais são, entre a forma dos enunciados e seu modo epistemológico.

Viviane Alleton

Madame Alleton faz parte do grupo de lingüistas europeus e norte-americanos que aplicam conhecimentos estruturalistas e pós-estruturalistas ao estudo da gramática chinesa e que procedem à atualização de toda a bibliografia possível sobre a língua chinesa. Em seu trabalho de pesquisadora no C.R.L.A.O., ela toma estudos antigos do chinês e os interpreta à luz dos novos conhecimentos lingüísticos, além de pesquisar aspectos inéditos da língua chinesa.

Acompanhando a evolução pela qual passou a escrita chinesa moderna, Madame Alleton estagiou por três períodos na China e no

Japão, coletando material para os estudos fonéticos da língua chinesa. Na China realizou trabalhos de campo comportando gravações e outros registros. No Japão estagiou no Centro de Pesquisas Lingüísticas da Língua Chinesa na Universidade de Tóquio.

Todo esse volumoso material coletado permitiu-lhe empreender estudos comparativos do chinês moderno com o antigo; para a apuração deste, fez um levantamento de textos antigos, inclusive de textos religiosos de missionários viajantes e estudiosos que não dispunham, evidentemente, da mesma aparelhagem hoje disponível, como por exemplo, no Japão, onde é utilizado inclusive o computador para a análise da língua chinesa.

Tendo dirigido por três anos a equipe do C.R.L.A.O., em substituição a M.A. *Rygaloff* (16) que se achava em viagem de estudo ao Japão, Viviane Alleton interrompeu, por esse motivo, seus trabalhos de pesquisa sobre a língua científica a propósito do chinês.

Seus trabalhos mais recentes incluem: uma comunicação sobre o emprego dos verbos modais nos textos científicos em chinês moderno, apresentada no Congresso de Orientalistas, na Cidade do México, em agosto de 1976, e uma comunicação para o colóquio de Semiologia realizado em Urbino, em julho de 1976, intitulada: “Approche d’un vocabulaire du corps et du geste en chinois moderne”

Seu trabalho seguinte foi uma pesquisa sobre a teoria dos neologismos em chinês.

Em sua obra *L’Écriture Chinoise* (17) Mme Alleton apresenta uma revisão dos pontos de vista dos autores europeus tradicionais sobre a escrita chinesa, até chegar a estabelecer os conceitos de “ideograma”, “palavra”, “sílabas” ou “unidade semântica mínima”, ou ainda, “signo mínimo”, aplicados à língua chinesa. Segue-se um estudo bastante completo sobre a língua escrita e falada, sem deixar de mencionar os estudos tradicionais, a evolução dos estilos de escrita e as escritas derivadas, e explicações sobre os vários sistemas existentes de transcrição fonética do chinês, sistemas criados tanto por europeus como por lingüistas chineses, até à reforma denominada “romanização”

Em sua *Grammaire du Chinois* (18), ela analisa a gramática da moderna língua chinesa ou “língua comum” (*pu ton huá*) que é a língua oficial da República Popular da China, cuja pronúncia é calcada sobre o falar de Pequim e cujas regras gramaticais são aquelas observadas nos escritos do estilo realista e familiar chamado “literatura de língua popular” (*pai huá*). Viviane Alleton oferece ainda um panorama da gramática chinesa, cuja tradição é relativamente recente, datando do século XIX as obras de gramática no sentido em que é entendida hoje.

Segue-se um estudo, ao mesmo tempo completo e detalhado, embora sistematizado de maneira relativamente condensada, sobre a gramática chinesa, em capítulos sobre a frase, o grupo nominal, o verbo, os determinantes do verbo; estudo esse que vem demonstrar definitivamente a existência de normas gramaticais para o estudo da língua chinesa, assunto usualmente encoberto por afirmações imprecisas sobre a inexistência de regras gramaticais em chinês.

Ambos os trabalhos citados são indispensáveis como obras básicas para os ocidentais que estudam a língua chinesa em nível elementar e médio como o são em geral os estudantes dos cursos de graduação. A bibliografia mencionada no final é igualmente indispensável ao conhecimento desses estudantes, como obras fundamentais para a sua formação.

Já *Les Adverbes en Chinois Moderne* (19) se destina aos estudantes numa etapa posterior àquela da alfabetização. Trata-se de um trabalho descritivo e analítico, mas que interessa especialmente aos estudantes que já estão utilizando fluentemente o chinês como língua de comunicação.

Em sua introdução encontram-se interessantes informações sobre pesquisadores e entidades que se dedicam aos estudos lingüísticos da língua chinesa, assim como uma descrição do método de pesquisa sobre os advérbios, incluindo considerações quanto às etapas do trabalho.

O capítulo primeiro é dedicado a apresentação das hipóteses sobre o sistema dos advérbios e o capítulo segundo à transcrição dos resultados da pesquisa, com abundante exemplificação sobre os advérbios em chinês e suas particularidades. No capítulo terceiro há um inventário dos advérbios, seguindo-se a bibliografia e, finalizando, um índice dos caracteres já simplificados, mencionados no corpo do trabalho.

Viviane Alleton publicou vários outros trabalhos lingüísticos de importância sobre a língua e os autores chineses, entre eles um recente estudo no boletim *Critique* (20) onde faz uma análise da obra de Joseph Needham (21), autor cujo conhecimento é obrigatório para todos os estudantes de língua, literatura, filosofia, história, etc., da China e de outras culturas da Ásia Oriental. O estudo inclui uma apreciação sobre o método de pesquisa do autor citado.

Relato sobre pesquisa de afasia em caso de um doente chinês.

Entre os trabalhos do Centro, encontra-se um, particularmente importante, por ilustrar a participação, em equipe mista, de médicos e lingüistas franceses (22) Tal trabalho, mais divulgado entre os profissionais de neurologia que entre os lingüistas brasileiros, originou-se

da colaboração de dois elementos do Centro (F. Cheng e Viviane Alleton), no estudo do caso de um doente chinês em Paris, em 1972, resultando em uma publicação coletiva: “Estudo analítico de um caso de afasia com agrafia em um doente chinês” (23), patrocinada pela Universidade de Paris. O caso estudado dizia respeito a um doente chinês de 45 anos, com dois anos de residência na França, mas não falando o Francês, e que fora atingido recentemente por uma hemiplegia direita, com afasia por trombos e embólica em relação com uma afecção cardíaca. A hemiplegia era puramente matriz, predominante no membro superior, sem agnosia nem apraxia, nem heminopsia. O caso pareceu notável por duas razões:

a) esta afasia, provavelmente devida a uma lesão anterior, foi acompanhada de perturbações importantes da leitura e da escrita;

b) permitiu a realização de um estudo da semiologia afásica em função da estrutura falada.

O objetivo da equipe foi pesquisar se a semiologia e a evolução de uma afasia se achavam modificadas em função da estrutura da língua do doente. Isso pressupunha a hipótese segundo a qual os diversos mecanismos fisiológicos, sensivelmente os mesmos para todos os humanos e que concorrem para a complementação da linguagem, seriam associados em proporção variável para permitir os desempenhos particulares de cada língua, alguns entre eles se achando então valorizados em relação aos outros em função da língua utilizada (24). A equipe formada procurou atender à necessidade de encarar aspectos múltiplos: médicos, psicológicos, lingüísticos, etc.

Quanto a experiências anteriores, a equipe conhecia apenas breves referências ao estudo da agrafia ou da alexia do chinês e havia vasta bibliografia a respeito desse problema na língua japonesa, bibliografia essa a que recorreram mesmo sendo a escrita japonesa mista, associando lado a lado signos emprestados do chinês e formas silábicas originais.

Foi na perspectiva da afasiologia comparada, que a equipe empreendeu o trabalho.

O doente fora hospitalizado com afasia instalada sem perda de consciência. Qualquer comunicação verbal tornou-se impossível em chinês comum e também no dialeto do paciente, resultando para ele num sentimento de pânico que se traduzia por gritos e lamentações incompreensíveis. Os exames posteriores, o neurológico e o interrogatório, foram conduzidos com a ajuda de um intérprete; não houve perda de sensibilidade tátil, nem da sensibilidade profunda (embora houvesse várias paralisias, inclusive da mão direita), nem perda de visão e audição.

A equipe reviu em detalhe o desenvolvimento das perturbações da linguagem e indicou somente que parecia ter havido aí, de início, relativa suspensão da linguagem, já que em alguns dias o doente retomou a palavra com dificuldades de expressão oral e perturbação da compreensão. Desde sua chegada ao hospital, notou-se que sua palavra era muito perturbada e quase totalmente incompreensível. A equipe compôs um pequeno léxico de frases usuais em francês, que o doente foi incapaz de utilizar.

Muito deprimido a princípio, o doente se reanimou desde que a equipe compôs um pequeno léxico de frases usuais em francês, que o doente foi incapaz de utilizar. A equipe passou a utilizar intérpretes para examiná-lo e ajudar na sua reeducação. A perturbação motora regrediu aos poucos e a linguagem melhorou também.

Entre os critérios utilizados pela equipe para conduzir a pesquisa, estava a de levar em conta o nível cultural real do doente. Considerando que estudara o mandarim durante nove anos, quando criança, e que era bilíngüe, como praticamente a maioria dos chineses; que fora soldado na China; que trabalhara em serviços de mecânica em Formosa e, após 1970, em Paris, ocupara o lugar de recepcionista num restaurante chinês, concluiu-se que se tratava de um exemplo de “cultura popular”, em oposição à “cultura do letrado”. Esse dado sobre o nível cultural seria considerado quando analisados os resultados das perturbações da fala e da escrita.

A equipe nota uma dificuldade do paciente, contendo forte reação depressiva, por ele se encontrar em meio estrangeiro, praticamente separado da família e também diante de questões que ele absolutamente não compreendia. A atitude do doente em relação a sua deficiência, dolorosamente encarada por ele como uma alteração de sua “integridade”, se manifesta por certas condutas de “compensação”; desde o começo do exame, ele insiste em sua dificuldade motora e em perturbações de sua percepção visual ou utiliza artifícios como “falsas leituras” ou expedientes diversos para mascarar suas falhas.

No hospital, desde que pôde ser abordado por intérpretes chineses e que tomou consciência do interesse destes, operou-se no paciente uma mudança radical de comportamento: tornou-se alegre, cooperador, habituou-se ao seu novo meio e participava, sem reserva, dos exames a que foi submetido.

O exame psicométrico utilizou os recursos de testes habituais, levando em conta a situação particular do doente, não falando francês, afásico e com o auxílio de intérprete. As conclusões foram que, nesse homem de 45 anos, de um nível anterior médio ou um pouco acima

de seu grupo sócio-cultural, constatou-se certa homogeneidade dos resultados que o colocaram em nível de eficiência intelectual inferior àquele que se esperava. Notou-se, também, sua dificuldade de fixar a atenção, acompanhando uma falta de precisão e incapacidade de memorizar conjuntos verbais longos ou trabalhar sobre mensagens complexas, além de muito cansaço. O doente foi sempre ajudado pela manipulação de objetos ou por um suporte gráfico.

Foi a partir dessa etapa que a equipe utilizou os conhecimentos dos lingüístas sobre a especificidade da língua chinesa, indagando-se, então, quais os problemas particulares que a afasia de um chinês pode elucidar e quais os ensinamentos específicos que se pode esperar dela.

A partir do conceito geral de “palavra” como unidade distintiva e significativa na linguagem humana, foram considerados, em particular, os conceitos de “palavra” em chinês e também os desvios dialetais, uma vez que o doente utiliza, como a maioria dos chineses, o dialeto de seu local de origem e o mandarim, a língua comum.

Segundo a idade do falante e as circunstâncias de sua vida, esta segunda língua é um mandarim próximo da norma ou uma língua *sui generis* que integra às vezes traços de seu dialeto de origem e traços do mandarim. Isso explica a dificuldade que o doente tem, quando fala o mandarim, de fazer a divisão entre os desvios devidos a seu dialeto e aos devidos à sua doença.

Por outro lado, a escrita chinesa é composta de signos cujos traços são sucessivos e a disposição espacial e a orientação imperativamente fixadas; sua realização pede um complemento motor determinado. Os erros possíveis no nível gráfico são: inabilidade do traçado, erros na seqüência dos traços, substituição do traço de um tipo por um ou vários traços de outro tipo existente no sistema, omissão ou adição de traços, substituição de parte do signo, substituição de signo inteiro e substituição por traços ou partes não confirmados na escrita chinesa.

Na relação fala-escrita, a correspondência entre a expressão oral e escrita não se efetua, quando se escreve em signos chineses, no mesmo nível de quando se usa a escrita alfabética. Os exercícios que permitem observar essa relação são o ditado e a leitura em voz alta. Um erro de escrita num ditado em língua como a francesa e a portuguesa tornaria o ditado incorreto, mas ao menos decifrável. Na escrita chinesa isso não é possível.

Dá-se o mesmo com a leitura em voz alta; nas línguas tomadas como exemplo, um erro não anula a compreensão para um ouvinte informado do assunto. A leitura de um texto chinês supõe que se conheçam todos os signos do texto. Nada há na forma de um signo chinês

que indique a pronúncia, embora existam grupos com um elemento gráfico comum que têm uma indicação fonética. A leitura em voz alta de um texto que comporta palavras novas para o leitor ou, ainda, signos que ele ignora, será incompreensível para o ouvinte.

Levando em conta essas considerações sobre a língua chinesa, a equipe, através dos assessores lingüistas, passou a observar as perturbações da linguagem no doente.

As perturbações da linguagem oral foram notadas através de discretas perturbações da realização motora e, embora de maneira discreta, também na disprosódia, com perda do ritmo do discurso, numerosas hesitações no começo da frase, acompanhadas de pseudo--gagueira, certa sufocação da articulação nítida, a perda do ataque nos começos das palavras, que é muito característico em chinês. Foram notadas, também, a monotonia da elocução e as impropriedades no emprego dos quatro tons da linguagem que são distintos em chinês.

Não houve desintegração fonética da linguagem. Nem houve, jamais, apraxia buco-facial. Por outro lado, a equipe notou dúvidas da organização expressiva da linguagem oral.

No início da doença, após um período de suspensão de qualquer linguagem organizada e decorridos alguns dias, reapareceu uma linguagem pobre, comportando numerosos estereótipos silábicos e uma grande dificuldade de responder às incitações verbais. A melhora foi progressiva e não parece ter havido em nenhum momento agramatismo.

Parece ter havido dissintaxia: na gramática chinesa a ordem das palavras é essencial e foram notados freqüentes erros nesse domínio. À falta de palavras, o doente procurou soluções com neologismo.

Meses após o início do tratamento, como propusessem ao doente um poema chinês muito conhecido, ele deu a um dos versos uma versão diferente, mas correta.

Em nenhum momento houve a menor anosognosia.

Observando as perturbações da compreensão oral, a equipe notou que elas foram menores que as perturbações da expressão oral. Semanas após o início do tratamento, ele designava muito claramente os objetos, obedecia às ordens simples e se perdia nas mais complexas. Interpretava historietas e provérbios com lacunas e pedia freqüentemente que se repetissem perguntas ou relatos. Hesitava diante de imagens representando cenas da vida corrente em estampas da Ásia Oriental e chegou a recusar-se a interpretá-las.

Entre as perturbações da linguagem escrita inclui-se a que a equipe notou nos primeiros tempos, quando o doente se desculpava por não poder ler porque não via os signos; havendo insistência, ele inventava palavras. Escrevia corretamente em chinês seu nome, os

dias da semana e copiava bem seu nome romanizado, construía corretamente frases curtas, mas a construção gramatical às vezes era incorreta.

No ditado, foram encontradas omissões de signos e substituições. A cópia era satisfatória enquanto não se afastasse do modelo, quando surgiram erros. Seu traçado era um pouco hesitante, com falta de nitidez, devendo-se lambrar, porém, que escrevia com a mão esquerda por ter a direita imobilizada.

Visto que faltavam à equipe elementos para se falar de desintegração fonética, foi sugerido que o doente apresentava uma síndrome de desintegração gráfica da linguagem.

Muito mais evidente eram as perturbações da compreensão da linguagem escrita. O doente foi quase incapaz de tomar consciência de uma história lida e nem podia repetir frases lidas um pouco longas. Por outro lado, ele conseguia o reconhecimento dos signos, e também a sua reprodução quando eram desenhados diante dele, por simples gesto sobre papel branco ou sobre as costas da mão. Esta facilidade pela proposição da simples realização gestual é notável por ser um processo corrente entre os chineses quando em face de dificuldade de compreensão na comunicação oral recíproca.

A equipe concluiu que a perturbação do doente não era constituída por simples paragrafias fonéticas e gestuais, mas se situava no nível da evocação das representações motoras que participam da significação dos signos.

As conclusões semiológicas foram que as perturbações da linguagem escrita são associadas às da linguagem oral.

O estudo realizado pela equipe foi encerrado com uma conclusão comparativa entre casos de afasia, agrafia e alexia com um doente chinês, um inglês e um japonês, e registra abundante argumentação que interessa mais de perto aos profissionais da neurologia e da neurofoniatria. Para os lingüístas, basta lembrar algumas hipóteses fisiopatológicas sobre a afasia nas línguas de escrita não-alfabética:

a) para uma lesão que afeta mais os territórios cerebrais posteriores, os quais, pode-se pensar, participam na linguagem escrita, as perturbações predominam no chinês mais do que no inglês;

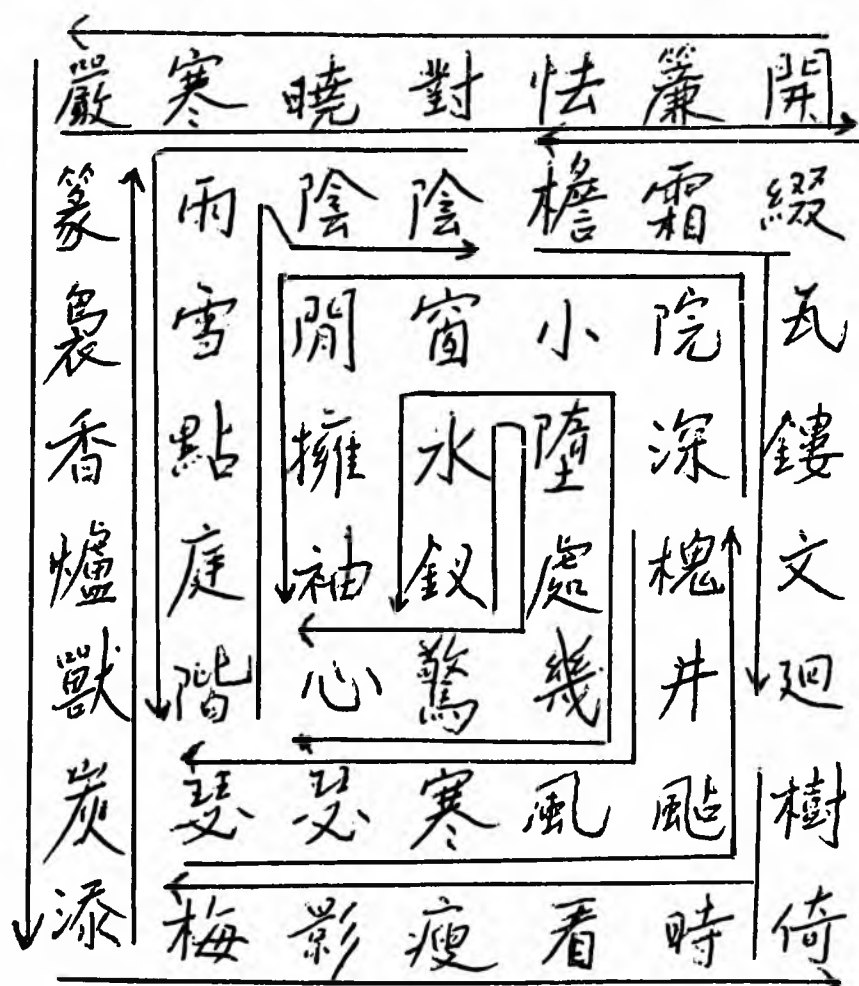
b) quando a região provável da lesão faz prever uma afasia que para um francês seria do tipo Broca, com desintegração fonética da linguagem, encontram-se ainda, em um doente chinês, perturbações da evocação e da incitação da linguagem escrita, principalmente sobre a vertente expressiva, à maneira de uma síndrome de desintegração gráfica da linguagem.

Isto sugere, para a língua chinesa, uma importância particular dos mecanismos que contribuem para a realização gráfica da linguagem.

É bem evidente que, para o chinês como para qualquer outra língua, existem mecanismos audio-fonatórios, os primeiros solicitados na criança pequena, os únicos entre os iletrados; à medida que a linguagem avança em sua elaboração, pode-se sugerir que os esquemas perceptivo-motores áudio-fonatórios parecem permanecer prevalecendo nas línguas ocidentais, enquanto no chinês não se pode negar a importância dos esquemas visuais e manu-gestuais.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — Publ. em *Trabalhos do grupo de Lingüística japonesa* da Universidade de Paris VII, 1975.
- 2 — Ed. Peeters, 1975.
- 3 — Mouton, 1964.
- 4 — Herdan, G.. Obra citada, p. 35.



Dentro deste gráfico há quatro poemas. Esse tipo de poema chinês é denominado "Fei Wen Shi".

- 5 — C.R.L.A.O. 54, boulevard Raspail, 75006 PARIS.
- 6 — Outubro 1972
- Algumas referências estão fundamentadas em informação de relatórios do C.R.L.A.O. e correspondência pessoal.
- 7 — Julho 1972.
- 8 — “Le vietnamien fondamental” (klincksieck)
“Le syntagme verbal en vietnamien” (Mouton)
“Les particules numérales en vietnamien” (comunicação em Berkeley, outubro 1975).
- 9 — Ed. Jean-Pierre Lobies, Biblio. Verlag, Osnabrück.
- 10 — Roberte Hamayon e Marie-Lise Beffa. Janeiro 1974.
- 11 — “Le système de la négation en cantonnais”;
“Sentential connotations in cantoneses”, etc.
- 12 — Relatório do C.R.L.A.O., (1975) p. 24.
- 13 — *Le lexique des langages gestuels des sourds chinois*, Publ. pela coleção E.H.E.S.S. da Mouton.
- 14 — *Etude sur le vocabulaire du langage gestuel des sourds chinois*.
Original inglês publ. pelo Center for Chinese Research Materials, USA.
- 15 — F. Cheng — 1975.
- 16 — A. Rygaloff conclui no Japão dois trabalhos de pesquisa, um sobre as relações de transitividade no chinês e outro sobre a fonologia diacrônica do chinês.
- 17 — P.U.F., 1970.
- 18 — P.U.F., 1973.
- 19 — Mouton, 1972.
- 20 — Editions du Minuit, junho 1975, n.º 337
- 21 — *Science and Civilization in China; La Science Chinoise et l'Occident; La Tradition Scientifique Chinoise*, etc.
- 22 — Equipe composta por : T. Alajouanine, H.P. Cathala, J. Métellus, Mlle. Siksou para a parte médica e Mme. Viviane Alleton, F. Cheng, Mme. C. de Turckheim e Mlle. M.C. Chang, para a lingüística chinesa.

23 — Publicado na *Révue Neurologique*, Paris, 1973, tomo 128, n.º 4, p. 229-243, com o título: “La problématique de l’aphasie dans les langues à écriture non alphabétique —a propos d’un cas chez un chinois”

24 — Esta pesquisa se baseia na moderna teoria sobre neurolingüística exposta pelo cientista soviético A.R. Lúria, que em seu “*Neuropsicologia e Neurolingüística*” (Roma, Editori Riuniti, 1974) expõe as novas teorias sobre problemas da afasia e da destruição da linguagem nas lesões cerebrais, continuando os estudos de seu mestre, o psicólogo soviético L. S. Vigótski.